

## Descendentes japoneses ao redor do mundo - Pergunte à essas pessoas – Vol. 10

**Phelipe Santos Silva**

"NIKKEIS Around the World" é uma coluna (do jornal) onde você pode conversar com descendentes japoneses ao redor do mundo e/ou suas organizações e comunidades, bem como pessoas que estão envolvidas em atividades relacionadas a eles.

Em nossa 10ª edição temos o diretor Phelipe Santos Silva, da escola de língua japonesa "Asuka Jyuku", localizada em São Paulo, Brasil.

Sr. Phelipe não é descendente de japoneses, então de que maneira aprendeu o idioma e passou a administrar uma escola como professor de japonês? Perguntamos ao sr. Phelipe sobre como ele conheceu sua mentora e seus pensamentos sobre o idioma e cultura japonesa. "Acho que fui um japonês na vida anterior!", disse Phelipe.

**PERFIL**

Com a professora Kazuko Hayashihara, fundadora da Asuka Jyuku.

Nacionalidade/geração: Brasileiro não descendente.

Profissão: Professor de japonês.

Nascido e criado na cidade de São Paulo e com pais brasileiros. Interessado em caligrafia, começou a aprender japonês aos 17 anos.

Devido a idade avançada, minha professora retornou ao Japão, vi como uma oportunidade, larguei meu emprego e obtive uma licença para ser professor de japonês. Herdei a escola "Asuka Jyuku", fundada por minha professora.

E, atualmente, ensino língua cultura e língua japonesa.

**Primeiro encontro com o Japão: "Tokusatsu - séries com efeitos especiais"**

Meu primeiro encontro com o Japão foi por volta de 12, 13 anos, quando vi na TV programas como "World Ninja Battle Jiraiya" e "Kyojuu Tokusou Jaspion". Apesar de serem dublados em português, toda vez no final, aparecia na tela "つづく" ("continua") em japonês! Naquela época, não conseguia ler e ficava curioso, pensando "o que é isso, hein?". Depois disso, passei a me interessar por kanji e comecei a aprender caligrafia japonesa (shodō). Ainda continuo praticando caligrafia, mas, acho muito interessante e profundo aprender que a ordem dos traços também tem significado e que a escrita expressa o que tem no coração das pessoas.

Quando eu tinha 17 anos, na escola pública que frequentava tinham aulas de japonês, essa foi a primeira vez que eu comecei a estudar japonês de forma apropriada.

Minha primeira professora na época, logo acabou se demitindo, pensei em continuar meus estudos em outro lugar e, por acaso, encontrei a “Asuka Jyuku”. Uma escola japonesa fundada por uma professora chamada Kazuko Hayashihara, que era da primeira geração de descendentes que imigraram do Japão para o Brasil.

### **No começo, ela não colocou fé em mim**

Eu me interessava pela cultura japonesa, mas, na época, levava cerca de duas horas de carro do bairro onde morava até o bairro da Liberdade (bairro japonês), por isso, raramente ia lá, né. Não tinha amigos descendentes (nikkei) e sabia que havia uma associação nikkei, porém achei que era um lugar difícil para um não-descendente, como eu, se aproximar.

O primeiro japonês com quem conversei foi a professora Hayashihara. Para ela, eu fui seu primeiro aluno não descendente, então acho que ela ficou receosa, a primeira coisa que ela deve ter pensado foi: "Por que um brasileiro tão grande (e robusto) falaria japonês?". Às vezes, ela deixava dinheiro na sala de aula de propósito, para me testar e ver se eu roubaria. Certa vez, me disse claramente: “Não descendentes não podem falar japonês”. Eu consigo entender muito bem os sentimentos de uma professora como ela. No entanto, eu dizia a ela: “não sou tão brasileiro quanto a senhora pensa!”, “meus pais me ensinaram que não devo pegar coisas dos outros, dentre outras coisas”. Aos poucos, consegui ter uma relação de confiança com ela. Depois disso, pouco a pouco, chegou ao ponto de estudantes não-japoneses passarem a frequentar a Asuka Jyuku.

### **“Asuka Jyuku” em situação crítica**

A professora Hayashihara me ensinou não apenas o idioma japonês, mas também a cultura japonesa. Acima de tudo, aprendi sobre a mente japonesa, como as pessoas tem que ser e etc.

Quando a professora Hayashihara, que estava com a idade avançada, decidiu voltar ao Japão, fiquei preocupado com o que fazer, não queria que a escola, que ela dirigia sozinha por 50 anos desaparecesse. Eu tinha 24 anos na época, e pensei “quero dar continuidade na escola de qualquer jeito”. Consultei minha professora, mas ela tinha me dito que seria impossível para mim, brasileiro, conseguir continuar sozinho. No entanto, eu ponderava se não conseguiria continuar como um clube.

Quatro meses depois que a professora voltou ao Japão, eu entrei em contato com os alunos por telefone e e-mail perguntando: "Vocês não gostariam de se reunir como um clube para estudar japonês juntos?", e então a escola abriu temporariamente. Antes que eu percebesse, passei a ser chamado de "sensei" pelos alunos que se reuniam. Depois disso, decidi assumir

Asuka Jyuku e obtive uma licença de professor de japonês. De qualquer forma, eu tinha um forte sentimento de que não quer perder a escola.

## A língua japonesa é divertida!



Alunos da escola e o professor Phelipe  
(ao centro)

Pouco a pouco, novos alunos começaram a se reunir por meio do boca a boca e internet, agora 44 pessoas de 12 a 65 anos estão estudando na Asuka Jyuku, sendo 17 descendentes e 27 não descendentes.

Todos se divertem enquanto estudam juntos, apesar de possuírem objetivos diferentes, alguns gostam de mangá e anime, outros gostam da cultura japonesa, outros querem tentar ir para o Japão, etc.

Os alunos mais velhos explicam o que eu falo em japonês para os alunos mais novos em português, e os alunos mais novos se esforçam ao máximo para

conseguirem participar logo das conversas em japonês dos veteranos.

Além das aulas, também faço caligrafia, culinária, jogos, karaokê, dentre outros. Os alunos se interessam muito mais se se divertem enquanto aprendem algo. Agora a pouco estava em aula e mesmo após o término da aula, muitos alunos permaneceram na sala de aula, porque não queriam ir para casa.

Quando se estuda uma língua, também se aprende a cultura por trás dela. Dentro de mim, existe uma vontade de “querer saber mais”, ainda hoje, esse desejo continua presente o tempo todo. De vez em quando, os alunos dizem: "Professor, isso é difícil!" mas, nessas horas eu respondo “não pense que é difícil! Pense que é interessante” ou “não acho difícil, é divertido”.

Tento transmitir a origem e o contexto histórico dos kanjis, além da diversão que é aprender coisas novas. Quero que meus alunos voltem para casa com sorriso no rosto, por isso que, de qualquer maneira, quero fazer com que a escola seja um lugar divertido.

## Mais do que o idioma japonês, quero transmitir a “mentalidade” japonesa

Eu não penso em quão complicado é, porque continuo com a noção de que “é divertido”. Claro, foi difícil quando não era possível encontrar as pessoas ou fazer aulas presenciais devido ao coronavírus. Pensando em como atrair os alunos para as aulas online, criei um jogo de batalha voltado para o aprendizado de kanjis. Foi difícil, no entanto, graças a essa experiência, agora alguns alunos que podem fazer aulas online.

Aprendi com a professora Hayashihara que a escola é apenas um “lugar”, porém, o importante são as pessoas e os sentimentos. É claro que dinheiro é necessário para se administrar um negócio, mas acredito que isso é uma consequência. Mais do que ensinar o idioma, quero ensinar a “forma de pensar” dos japoneses. Isso é algo importante para que os alunos mudem e acabem influenciando as pessoas ao seu redor pouco a pouco. Acredito que assim podemos mudar a sociedade brasileira.

## Palavras que foram ditas em um reencontro com minha mentora

Quando minha professora retornou ao Japão, prometi a ela que com certeza iria encontrá-la em dois anos. A partir desse momento, dois anos se passaram, quando eu estava pensando em alguma forma de conseguir ir ao Japão, recebi uma ligação do meu pai que dizia “você pode ir para o Japão!” Acredite ou não, ele disse que ganhou na loteria! Graças a isso, embarquei pela primeira vez desde que nasci em um avião, fui ao Japão, e consegui reencontrar a professora Hayashihara.

O Alzheimer havia avançado e ela havia se esquecido de muitas coisas do Brasil. Eu estava chorando muito, mas, ela apertou minha mão e disse: "homem não chora!". E, na despedida, falou: "Você não é mais o Phelipe. Você é o Professor Phelipe, né". Estou me esforçando, a fim de não esquecer o peso daquelas palavras e os sentimentos que experimentei naquele momento.

## Os ensinamentos do “AOIKUMA” e o futuro da Asuka Jyuku

Pouco antes da professora Hayashihara retornar ao Japão, ela me contou a história do “urso azul”, que tornou-se o lema da escola.

“Não ser impaciente” 「あせるな」, “não ficar com raiva” 「おこるな」, “não ser arrogante” 「いばるな」, “não se corromper” 「くさるな」 e “não desistir” 「まけるな」. Foi pega a inicial de cada palavra e formou-se o “AOIKUMA” (“urso azul”). Desde então, chegou ao ponto de que quando algo acontece, com certeza, dentro do meu íntimo já vem na minha mente o “AOIKUMA”.

Na Asuka Jyuku, usamos o personagem do urso azul que desenhei. Quando não sentir vontade de se esforçar ou quando encarar um obstáculo, se você, dentro de si, cultivar os ensinamentos do AOIKUMA, será capaz de se acalmar e conseguir pensar “está tudo bem”. Os alunos fizeram pelúcias do AOIKUMA, isso demonstra como é um personagem amado na Asuka Jyuku.

Minha esposa é japonesa, da província de Aichi. Em um futuro próximo, penso em tentar viver no Japão. Quero que meus alunos também conheçam o Japão pelo menos uma vez. No entanto, estudantes não descendentes não possuem nenhuma ajuda em que possam contar no Japão, né.

Felizmente, espero conseguir ajudá-los, já que na Asuka Jyuku estamos criando muitos alunos com quem posso deixar a responsabilidade da escola.

Quero experimentar muitas coisas no Japão, a fim de criar apostilas e materiais didáticos mais divertidos. Além disso, também gostaria de tentar ensinar português para crianças japonesas e filhos de brasileiros nascidos e criados no Japão, como uma versão reversa da Asuka Jyuku.

Eu falo bastante brincando “Logo eu voltarei para o Japão, por isso, deixo o resto com vocês!”. Mas, não é brincadeira de verdade, eu fico feliz de estar criando pessoas confiáveis, que de agora em diante, mesmo eu não estando presente na Asuka Jyuku, a escola conseguirá continuar.



カロウちゃん、おつかれさまでした。

**Muito obrigado Carolzinha!**



Tradução: **Carolina Moura Ayres Ferreira**

A Carol estuda na ASUKA JYUKU há 5 anos, e sempre se destacou no aprendizado do idioma e cultura japonesa.

Uma aluna que ama de fato o Japão.

Está sempre auxiliando os alunos novos com o que pode, muito educada e disciplinada.

Carol-chan muito obrigado pelo carinho com ASUKA JYUKU.

Tenho certeza de que de onde a professora Hayashihara Kazuko estiver, ela sente muito orgulho.